

# A Corporeidade e o Sensível na Formação e Atuação Docente do Pedagogo

Lucia Helena Pena Pereira  
Patrícia Vieira Bonfim

## Resumo

---

Este artigo pretende discutir a corporeidade e a sensibilidade na formação e atuação do pedagogo, considerando que a relação corporeidade/educação pode despertar nos agentes socioculturais em formação possibilidades de conhecimento de si e do outro, e leituras diferenciadas de significados. Para que estas dimensões venham a ter espaço na educação, são necessárias reformas que, como revelam os estudos desenvolvidos, preencheriam lacunas dos cursos de formação de professores/pedagogos, contribuindo para a construção de uma prática pedagógica voltada para a complexidade e diversidade humana, colaborando, também, para a formação de um cidadão autônomo, produtor e transformador do conhecimento.

**Palavras-chave** Corporeidade. Sensibilidade. Formação de Professores.

## CORPOREALITY AND SENSITIVITY IN TEACHER FORMATION

### Abstract

---

This paper intends to discuss about corporeality and sensitivity in the pedagogy formation and performance, considering that corporeality/Education relation can awake, in the culture-social forming agents, knowledge possibilities of themselves and the other, and differentiated readings of meanings. For these dimensions could make a space in the Education, reforms that can fill gaps in formation courses, according to developed studies, are necessary, contributing for a pedagogical practice construction focused in the human complexity and diversity, helping also the construction of an independent, producing and transforming citizen of the knowledge.

**Keywords** Corporeality. Sensitivity. Teachers Formation.

Este artigo, fruto de pesquisa realizada através do Pibic/CNPq/UFSJ, dando continuidade aos estudos do Neccel – Núcleo de Estudos Corpo, Cultura, Expressão e Linguagens – teve como foco de interesse a corporeidade<sup>1</sup>, tida como uma linguagem que constrói e produz cultura corporal, e o sensível, que permite que dificuldades sejam mais facilmente superadas e que vínculos sejam criados entre educandos e educadores. Tal interesse se deve ao fato de haver poucos estudos e vivências do corpo na educação universitária, principalmente nos cursos de formação de professores. A formação de professores, como enfatiza Linhares (1997), dirigindo esforços para a complexa relação que o corpo estabelece com a cultura, a ética, a política, a instituição escolar, poderá ressignificar a forma de entender os sujeitos nesse processo e, ao mesmo tempo, perceber possíveis lacunas e interferências.

Buscar nos estudos da corporeidade a ressignificação das ações corpóreas no espaço escolar significa reconstruir conceitos e vivências do corpo, ampliando as possibilidades de professores e alunos no diálogo com o mundo, permitindo várias descobertas a partir de sua própria experimentação.

Tendo em vista este quadro, os objetivos da pesquisa foram: analisar a corporeidade e a sensibilidade como aspectos relevantes para a formação do aluno do curso de Pedagogia; investigar se esses alunos têm vivenciado situações que valorizassem essas instâncias e qual tem sido sua repercussão em seu processo formativo, para, a partir daí o profissional da educação poder atuar em sala de aula, com práticas voltadas para uma visão intregada do ser humano.

Buscamos traçar um estudo geral da condição do corpo em sala de aula, para compreendermos como este foi visto durante anos pela escola. Para tanto nos detivemos em leituras de alguns autores como Araújo (2004), Foucault (2002), Louro (2000) e Pereira (2005), que por percursos diferentes mostram não só a dicotomia corpo/mente, propagada pela visão mecanista/conceitual, como também o aprisionamento e adestramento do corpo nas instituições escolares, manicômios, hospitais, cadeias, etc.

Acreditamos que o ser humano constitui-se pela integração corpo-mente, interagindo de maneira dinâmica com o meio no qual está inserido. Nessa mesma dimensão, Araújo (2004) percebe o corpo como condição de existência do sujeito na vida, no mundo; nele combinam-se capacidades e dimensões biopsíquicas e culturais da espécie humana, tais como as razões, as paixões, a sensibilidade, a sensualidade, a sexualidade, os sentimentos, as emoções, convicções, fantasias, projetos e outras.

Nesta nova visão de corpo na educação, a corporeidade, diferentemente da corporalidade<sup>2</sup>, traz novos significados às ações corpóreas em sala de aula, deixando que essas ações, antes meramente mecânicas e previsíveis, sejam agora espontâneas e cheias de significados.

A partir daí o professor que atua na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental terá mais possibilidades de vivenciar práticas educativas voltadas para uma educação com uma visão integrada do ser humano, tendo em vista que “é preciso aos educadores uma postura que considere o processo de aprendizado não como acumulação de representações do ambiente, mas como um processo contínuo de transformação do comportamento através de mudanças sucessíveis em sua prática” (Bacri, 2003, p. 5).

Neste texto vamos nos deter a algumas discussões que permeiam a formação do educador, como os saberes docentes, as práticas em sala de aula e as interferências culturais e sociais sofridas pelo corpo. Para isso, é importante considerarmos uma característica fundamental ao trabalho docente, o desenvolvimento da sensibilidade do professor diante da diversidade do saber em sala de aula, que, segundo Tardif, não é uma tarefa fácil, “exige do professor um investimento contínuo e a longuíssimo prazo, assim como a disposição de estar constantemente revisando o repertório de saberes adquiridos por meio de sua experiência” (2000, p. 17).

Pretendemos iniciar as reflexões sobre a corporeidade e a sensibilidade na formação e atuação do pedagogo apresentando a necessidade de mais estudos e vivências do corpo na educação de terceiro grau, pois inserir essas dimensões na prática educativa pode contribuir para uma educação mais huma-

na, na qual o corpo seja visto como resultado da relação do ser com o mundo, em que estejam implícitas as dimensões sociais, estéticas e racionais, possibilitando um agir comunicativo entre educandos e educadores.

## O corpo na educação

Nessas últimas décadas temos observado um crescente interesse por estudos relacionados ao corpo. Esse interesse é apresentado por diversos campos do conhecimento, como a Biologia, Medicina, Psicologia, Educação Física, Filosofia, Antropologia, História, Educação, entre outros. Nessa perspectiva, procuramos levantar discussões sobre a ressignificação dos conceitos e vivências do corpo na educação universitária, em especial nos cursos de formação de professores.

Ainda encontramos resistências ao falar de corpo, pois esquecemos ou fomos levados a esquecer de que somos um corpo, de que nossa comunicação cotidiana com o mundo ocorre por meio dele e com ele. Não podendo ignorá-lo, é fundamental pensar a questão do corpo na educação, procurando desvelar as concepções e valores que estão implícitos e explícitos nas ações escolares, visto que “a conscientização não pode existir fora da ‘práxis’, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens” (Freire, 1980, p. 26).

Poucos teóricos da educação têm considerado a importância da dimensão corporal. Tem-se a impressão de que, ao longo da História, o corpo ficou esquecido até mesmo pelas instituições de ensino. De acordo com as observações de Louro (2000),

*...essa é, usualmente, a primeira impressão quando observamos as mais consagradas teorias educacionais ou os cursos de preparação docente. E talvez não nos surpreendamos com isso, já que nossa formação no contexto filosófico do dualismo ocidental leva-nos a operar, em princípio, com a noção de uma separação entre corpo e mente (...) por isso, nós professores e professoras, entramos numa sala de aula como se apenas a mente estivesse presente, como se fôssemos, todos e todas, espíritos descorporificados ( p. 60).*

Não só na escolarização, mas em outros processos de socialização das pessoas o corpo foi, e é, na maioria das vezes, “educado”, disciplinado e docilizado por várias formas sutis de controle. Como objeto reprimido, imóvel e aprisionado, o corpo passou a ser desconsiderado em sua totalidade, tornando-se apenas uma “matéria morta”, sem significado na sala de aula, “ficou reduzido a um estorvo que, quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará” (Freire, 1990, p. 14). Corroborando essa idéia, Silva (2003, p. 25) afirma que “o trabalho elaborado no interior das escolas desde há mais de um século, assim como em outras instâncias da atividade humana, busca criar o hábito de aprender a olhar, admirar e domesticar o corpo desde muito cedo”.

De acordo com Foucault (2002), o corpo não é somente uma realidade biológica, mas uma construção sociocultural, estando presente na vida social e na cultura de um determinado povo. O autor enfatiza o domínio do corpo para que se torne obediente e dócil nas cadeias, manicômios, fábricas e escolas, entre outras instituições sociais. Como vemos, vários autores apontam o domínio do corpo e buscam compreender como se deu seu aprisionamento durante séculos pela escola e pela sociedade, que para manter o controle e o poder dominavam as pessoas nos movimentos, atitudes e gestos, previamente aceitos e estabelecidos por mecanismos de controle.

Como afirma Lepargneur (1999), nada está separado de nada, o que eu não compreendo em meu próprio corpo não posso compreender em nenhuma outra parte, por isso o ser humano precisa adquirir, na universidade, não apenas os conteúdos das várias disciplinas, mas também conhecimentos que possam ser integrados a sua vida, possibilitando-lhe o desenvolvimento de seus potenciais e descoberta de si mesmo e do mundo que o cerca.

Se pensarmos num professor, ele é, também, o seu corpo. Garcia (2002) chega a considerar o corpo como o instrumento principal de trabalho do docente, atribuindo-lhe maior importância do que ao material didático, à linha pedagógica ou aos recursos e fontes que possa utilizar. Assmann argumenta quanto à questão do corpo:

*O corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica. Em outras palavras: somente uma teoria da Corporeidade pode fornecer as bases para uma teoria pedagógica. (1995, p. 113).*

No exercício da profissão, na realização do trabalho docente, o corpo torna-se imprescindível e pleno de significados. Diante dos alunos ele torna-se alvo de observação quanto à postura física, aos gestos, que demonstram um convite à aproximação ou afastamento; permitem ou dificultam uma melhor compreensão da aula trabalhada, incitam mais ou podem incitar menos ao questionamento.

O aluno também é um corpo comunicativo e expressivo que aguarda o tempo e o espaço da sua representação educativa. Como observa Garcia (2002), o corpo é aquele que aprende, e é por meio dele que podemos vivenciar a aprendizagem de uma forma mais prazerosa. Nosso corpo é umas das formas de nos comunicarmos com o mundo, por intermédio dele percebemos e transmitimos significados. Nele ficam registrados nossas alegrias, crenças, sabores e esperanças. Também se mostram nele as marcas da cultura na qual estamos sendo formados, as sociedades em que vivemos com suas múltiplas e contraditórias interferências (Pereira, 2000).

As questões do corpo são geralmente ignoradas ou desconsideradas pelos próprios docentes, pela universidade, pelos formuladores das políticas educacionais, conforme constatam estudiosos do assunto, como Assmann (1995) e Pereira (2005), entre outros autores. Em geral, as questões do corpo têm sido vividas e explicitadas como corpo/máquina, ou seja, como instrumento funcional e operacional, e não como um ser no mundo, como experiência vivida, como lugar de encontro. Isso não significa negá-lo nessas qualificações, mas impõe a necessidade de que o corpo seja ressignificado em uma perspectiva mais interacional e consciente, com movimento, para além dos gestos puramente mecânicos, previsíveis, programáveis.

Araújo (2004), em sua pesquisa de Mestrado, enfatiza que:

*Quanto à percepção do próprio corpo, no exercício do magistério, os/as docentes, por suas histórias, por suas condições de trabalho e formação, entre outras razões, costumam expurgar seus corpos de suas preocupações, desconsiderando-os nos processos educativo-pedagógicos. E por vez, concebem uma visão dualística (p. 11).*

Estudar o corpo na condição docente permite que se aponte como a temática da corporeidade está pouco presente nas discussões e preocupações da escola, dos órgãos de gestão educacional, das políticas educacionais, dos projetos de formação de professores. Neste estudo vamos nos concentrar em discussões relativas à corporeidade e à sensibilidade na formação e atuação docente do pedagogo, procurando desvelar e entender a importância desses aspectos nos saberes e práticas oferecidos pela educação universitária.

## **Corporeidade: um novo olhar sobre o corpo**

Temos como corporeidade a expressão de totalidade do ser humano enquanto ser vivo, parte da criação e da natureza, em que corpo, razão, emoções, sensações e sentimentos encontram-se em sintonia. Este conceito surgiu para apresentar o sujeito como unidade complexa. De acordo com Assmann:

*A corporeidade pretende expressar um conceito pós-dualista do organismo vivo. Tenta superar as polarizações semânticas contrapostas (corpo/alma; matéria/espírito; cérebro/mente) (...) constitui a instância básica de critérios para qualquer discurso pertinente sobre o sujeito e a consciência histórica (1998, p. 150).*

Muitos aspectos são enfatizados pelos estudiosos da área de formação de professores, como os saberes docentes e a pesquisa em sala de aula. Embora a temática da corporeidade ainda não tenha obtido relevância nesses estudos, o fato de discussões estarem surgindo, considerando o ser humano como um todo na prática pedagógica, aponta não só para um avanço dessas pesquisas, mas também para a possibilidade de ampliações dos estudos na área.

Para Santin (1992), a humanização corporal deve ter como prioridade a garantia da plenitude da vida, sem enfatizar os aspectos biopsíquicos nem os cognitivos em detrimento dos orgânicos ou vice-versa.

Pensar o ser humano a partir de uma unidade complexa tem se revelado uma das grandes dificuldades das escolas, que na sua maioria ainda estão presas a um modelo iluminista/conceitual, que pretende moldar alunos disciplinados, adestrados e imóveis. Enfatiza Benetti:

*Construir uma escola, que supere a razão instrumental e interaja com a razão comunicativa, passa pela adoção de novas perspectivas teóricas e pela ressignificação do lugar que o corpo ocupa na educação, percebendo então sua importância no contexto da prática pedagógica (2002, p. 127).*

Freire (1980) denuncia que os educandos são transformados em seres passivos que recebem os conteúdos, os conhecimentos, de forma autoritária, não podendo questionar ou sequer compreender seu papel como sujeito socio-cultural. Julgamos que esta não é uma regra geral, mas os estudos comprovam a existência dessa situação.

Segundo Bomfim (2000), ainda não existe espaço para a corporeidade na educação do terceiro grau. Um dos motivos que esta psicóloga apresenta é a falta de produção acadêmica na área, principalmente no que diz respeito a posturas metodológicas de ensino-aprendizagem, que ainda se mostram muito presas a uma visão conceitual/instrumental.

De acordo com estudos realizados por Moyzés (2004), a consciência corporal dos professores em sua prática educativa pode contribuir para melhorar a relação professor-aluno e, principalmente, a visão do professor a respeito de si próprio e do seu papel fundamental na formação de crianças. Daí a necessidade de mais estudos e vivências corporais nos cursos de formação de professores, pois esses conhecimentos vão ampliar os saberes e práticas do futuro professor, contribuindo assim para aulas mais criativas e prazerosas.

Tardif frisa a necessidade de escaparmos de um perigo que, muitas vezes, tem dominado as práticas de sala de aula:

*O mentalismo consiste em reduzir o saber, exclusiva ou principalmente, a processos mentais (representações, crenças, imagens, processamento de informações, esquemas, etc.), cujo suporte é a atividade cognitiva dos alunos. Em termos filosóficos, o mentalismo é uma forma de subjetivismo, pois tende a reduzir o conhecimento e até a própria realidade em algumas de suas formas radicais, a representações mentais cuja sede é a atividade do pensamento individual (pouco importa se este é, em seguida, numa perspectiva baseada no materialismo ou no reducionismo biológico, determinado pela atividade cerebral) (2002, p. 11).*

Santin também reforça a idéia, salientando:

*Os esquemas lógicos impostos à inteligência humana limitaram drasticamente a liberdade de pensar. A criatividade imaginativa passou a ser regulamentada pelas leis da inteligibilidade racional. A perspicácia da intuição também foi bloqueada pelos mecanismos empíricos do saber científico. O pensamento intuitivo não merece a atenção da cientificidade. A sensibilidade humana perdeu desta forma suas duas grandes aliadas: a imaginação e a intuição. É pela imaginação e pela intuição que o homem se torna capaz de ultrapassar as fronteiras do imediato, do presente e do visual. Com elas o homem alcança o invisível e desenvolve a sensibilidade humana (1987, p. 13).*

Como podemos observar, os saberes racionais já não são suficientes para enfrentar a complexidade e a diversidade dos conhecimentos e práticas em sala de aula, assim, procuramos buscar novas formas de reencantar a educação, e a corporeidade é um dos caminhos de descoberta de si mesmo e também de atuação na vida cotidiana, de forma criativa, crítica e transformadora. Ta-veira (1986) questiona:

*Há lugares onde habitam os pensamentos? Se houver... serão lugares em que nosso corpo entenda de muitas relações. Penso nas relações que tecem fios entre pessoas, objetos e símbolos; relações de sentidos. Sim. Através de nossos corpos compreendedores, a gente vai se ver possuído pelas palavras, pelos objetos e pelos símbolos (p. 51).*

Precisamos de uma educação voltada para a formação integral do ser humano, que leve em conta seus pensamentos, seu corpo, seus sentimentos e sua espiritualidade, que o capacite a viver numa sociedade pluralista em cons-

tante processo de mudança (Pereira, 2005). Baecker (1997, p. 65-66) afirma que: “a emoção, a afetividade e até nossas atitudes e valores influenciam o nosso modo de apreender a realidade e o modo de nos apreendermos a nós próprios”. Assim, quando compreendemos o ser humano em sua totalidade, nos tornamos mais sensíveis ao próprio conhecimento, influenciando nossa maneira de ver e mobilizar os alunos à educação.

Mesmo com todas as discussões e propostas que têm ocorrido acerca da formação de professores, como analisam Araújo (2004) e Moyzés (2004), é imperioso pensar o professor como um todo, sem a dicotomia corpo e mente. Da mesma maneira que o professor necessita se preparar, lendo, estudando, procurando se atualizar, ele deve também estar atento ao seu corpo, ouvindo o que ele está dizendo, o que está precisando. Segundo Lowen (1982), o professor precisa se conscientizar da sua corporeidade, da sua realidade e observar, mais detidamente, não só o registro do seu corpo, como o registro do corpo de seus alunos, procurando entender essa linguagem ou pelo menos mostrando-se mais sensível para perceber o início de algum bloqueio. É importante o professor observar a necessidade de uma respiração mais profunda, o modo como o corpo responde aos cuidados recebidos e principalmente aumentar seu contato consigo próprio e, conseqüentemente, melhorar a qualidade das relações com as crianças que estão sob seus cuidados, pois como afirma este autor (1984, p. 50) “apenas na medida em que se percebe o próprio corpo, pode-se perceber os outros, e só quando se percebe a si mesmo como uma pessoa, pode-se sentir uma outra”.

Assim se explica o fato de muitos professores não conseguirem olhar seus alunos, posto que a maioria não consegue olhar para si mesmo, pois estão tão envolvidos com as palavras e tão distanciados das manifestações corporais que não se detêm a essas observações minuciosas do corpo (Fernandes, 2003).

Construir uma prática pedagógica, baseada na complexidade e diversidade humana, compreende a reintegração da dimensão corpórea como aspecto importante na educação universitária, reconhecendo suas potencialidades comunicativas e subjetivas, percebendo, no movimento humano, potencial de construção de um agir autônomo, significativo, produtor e transformador do conhecimento.

Nas palavras de Pereira (1992, p. 141), o fato de “entrar em contato com nossa sensibilidade, expressá-la corporalmente, liberta-nos de padrões arraigados e castradores, nos levando a tomar consciência do poder expressivo do nosso corpo, abrindo infinitas perspectivas para um trabalho criativo, crítico, humano e prazeroso”. Isto porque a linguagem não-verbal atua poderosamente nas relações interpessoais, agindo no aspecto racional, e principalmente emocional e afetivo, aumentando a sensibilidade.

A linguagem corporal, quando vivenciada na educação, pode abrir perspectivas na construção e produção de equilíbrio nos processos de aprendizagem, nos quais “a discussão sobre o conhecimento abarca hoje todos os processos naturais e sociais onde se geram, e a partir daí são levadas em conta formas de aprendizagem” (Assmann, 1998, p. 26-27).

A fim de reverter este olhar do corpo na educação, é necessário ao educador inserir-se “em um novo paradigma, que pressupõe educar sempre dentro de uma visão de totalidade, onde o conhecimento não é fragmentado, mas interdependente e interligado. Um conhecimento que expressa a unidade cérebro-mente-corpo” (Silva apud Bacri, 2003, p. 8).

Quando pensamos no aluno-corpo, pensamos em seres que brincam, estudam, correm, saltam, escrevem, trabalham, choram, riem e em tantas outras formas de manifestação que o corpo pode ter. Um corpo ativo no espaço que ocupa, que se comunica com os outros corpos ao seu redor e interage com eles, um corpo expressivo, alegre, que busca novas possibilidades e novos caminhos para reencantar a prática educativa.

## **Procedimentos metodológicos**

A pesquisa de campo foi realizada entre agosto de 2005 e julho de 2006. Durante esse período selecionamos alguns autores que vinham sendo estudados, como Hugo Assmann, Maurice Tardif, Maria Augusta Salin Gonçalves, Silvino Santin, João Batista Freire, entre outros, que tratavam da temática corporeidade/sensibilidade na educação.

Além da seleção bibliográfica, leitura e análise do material coletado, investigamos se e como os alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal São João del-Rei UFSJ têm vivenciado situações acadêmicas que valorizem o corporal e o sensível, e qual tem sido essa repercussão em seu processo formativo. Essa investigação se deu a partir da aplicação de questionário a um grupo de 60 estudantes do curso, em uma seleção aleatória, do 2º, 4º, 6º e 8º períodos do 2º semestre de 2005.

Empregamos o questionário como uma das propostas metodológicas mais viáveis para essa pesquisa, porque exigiu menor tempo, uma vez que grande parte dos pesquisados, que são alunos de um curso noturno, trabalha durante todo o dia e ficaria impossibilitada de dar entrevistas em outros horários que não os de aula.

Os dados coletados pelo questionário foram analisados de forma comparativa e reflexiva, tendo em vista os objetivos propostos, complementando o levantamento bibliográfico.

## **Análise dos resultados**

Dos 60 estudantes do curso de Pedagogia que responderam ao questionário, 75% estão na faixa etária de 19 a 29 anos, apenas dois são do gênero masculino, o que corresponde a 3,33%. Os dados sobre a experiência dos professores indicam que apenas 10,71% têm menos de um ano de experiência e que a maioria, 85,7%, atua na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Os dados foram divididos por categorias e organizados a partir das questões propostas: aspectos considerados significativos na prática docente; importância dada ao trabalho corporal; valorização do corporal e do sensível na vivência acadêmica; valorização do corporal e do sensível fora da universidade; experiências da vivência corporal; preocupações em relação ao próprio corpo.

### **a) Aspectos considerados significativos na prática docente**

De acordo com os resultados obtidos pelo questionário, os aspectos considerados mais significativos na prática docente são: o conhecimento de si próprio, a auto-estima, a criatividade, sentimentos, emoções, ética, as brincadeiras, a amizade e a afetividade.

Observamos que os alunos do curso de Pedagogia que já atuam como professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental e outros níveis de ensino, elegeram aspectos que consideram mais significativos em sua prática em sala em aula que estão diretamente ligados à falta do desenvolvimento da percepção corporal, do autoconhecimento, o que implica o contato com as próprias emoções e o conhecimento do próprio corpo, campos que extrapolam o cognitivo e apontam para a necessidade do desenvolvimento de vivências e estudos da corporeidade.

Concordamos com Tavares (2003) quando este autor assegura ser imprescindível que o profissional da educação tenha sua percepção corporal bem desenvolvida, pois, havendo conhecimento do seu corpo, terá maior consciência do significado e das manifestações corporais de seus alunos.

O professor que recebeu uma educação voltada para a formação integral do ser humano, que leve em conta seus pensamentos, seus sentimentos, suas emoções e seu corpo, terá mais facilidade em compreender os sentidos/significados da corporeidade em diferentes situações, inclusive nas atividades desenvolvidas em sua prática educativa. Para Pereira (2000), as atividades de percepção corporal permitem ao sujeito voltar-se para si mesmo, reconhecer os pontos onde a tensão se manifesta, a rigidez de seu corpo, seu ritmo respiratório e cardíaco, suas emoções e ansiedades.

Como podemos perceber, as atividades que envolvem a percepção corporal foram as mais citadas nas respostas das alunas:

Trabalhar a auto-estima do aluno é fundamental. Leva-o a sentir que é capaz, fica interessado em buscar o conhecimento e interage melhor com a turma (*depoimento 1*).

É preciso que não estejamos só preocupados em transmitir os conteúdos, mas preocupados em desenvolver nas crianças o lado humano, o amor, a amizade, enfim, levantar a auto-estima (*depoimento 2*).

A brincadeira, o lúdico, o conhecimento do próprio corpo, o resgate cultural (danças e cantigas), o trabalho corporal e o desenvolvimento da psicomotricidade são aspectos muito importantes na prática em sala de aula (*depoimento 3*).

Nessa perspectiva, Goffmann (2002) vê que o espaço da sala de aula descortina-se num processo de interação face a face que ocasiona uma influência recíproca dos indivíduos entre si, em suas ações uns com os outros e sobre os outros, interações proporcionadas pela presença física, pela corporeidade. Por isso, há necessidade de o aluno do curso de Pedagogia ter, em sua formação, uma visão mais integrada do ser humano, possibilitando-lhe um maior conhecimento do seu próprio corpo.

### ***b) Importância dada ao trabalho corporal e à sensibilidade***

Podemos observar pelos depoimentos que, apesar de haver uma preocupação em trabalhar o corporal e o sensível em sala de aula, as professoras encontram algumas dificuldades para realizar essa proposta. Vejamos algumas falas que comprovam essa afirmação:

Acho importante o trabalho corporal em sala de aula, mas o difícil é saber como eu vou fazer isso (*depoimento 4*).

Eu me preocupo com esses aspectos, mas acho que eu não estou preparada para lidar com atividades corporais em sala de aula, isso fica a desejar (*depoimento 5*).

Com certeza a corporeidade e a sensibilidade são importantes na prática do professor e devem ser vistas na hora de planejar as aulas (*depoimento 6*).

Alguns autores, como Bacri (2003), Benetti (2002) e Freire (1989), observam que o professor precisa estar preparado para lidar com a corporeidade em sala de aula, que não é uma tarefa fácil, exige preparação, estudos e vivências corporais desses profissionais na sua própria formação.

Bomfim (2000) afirma que falar do corpo no mundo pós-moderno não é exatamente uma novidade, porém ele ainda é apenas falado. Muito pouco tem sido feito para ser experienciado, vivido e transformado em ação corporificada. E não é à toa que os profissionais que saem da universidade encontram-se cada vez mais perdidos em seus campos de trabalho, faltando perspectiva e sentido, ainda mais no mundo globalizado em que as tendências de mercado exigem pessoas mais ágeis, criativas e comprometidas com a realidade social.

Muitas vezes a própria escola privilegia apenas os saberes racionais; e o corpo, a emoção, a sensibilidade dos alunos são simplesmente desconsiderados no processo de ensino-aprendizagem, “Constatou-se que a própria escola, através de uma série de normas, explícitas ou implícitas, vai construindo uma corporeidade baseada no individualismo, na massificação e nos privilégios da minoria” (Figueiredo, 1991, p. 19).

### ***c) Valorização do corporal e do sensível na vivência acadêmica da UFSJ***

Na maioria das respostas observamos que os estudantes têm experienciado poucas situações acadêmicas que valorizam o corporal e o sensível. Dentre as citadas temos a Semana de Pedagogia, que oferece oficinas e algumas disciplinas do curso: Educação Infantil, Universo do Brincar, Educação Inclusiva, Fundamentos e Didática da Arte-Educação e Fundamentos e Didática das Ciências Naturais.

Constatamos, pelas respostas, que a corporeidade e a sensibilidade ainda não são instâncias valorizadas pela universidade, faltam discussões e vivências desses aspectos nas aulas, na própria formação do profissional da educação, falta sentida, principalmente, para aqueles que vão atuar como professores da Educação Infantil e das primeiras séries do Ensino Fundamental. Isso não é uma realidade apenas do curso de Pedagogia da UFSJ: pesquisas mostram que outras instituições de ensino superior passam pela mesma dificuldade em inserir a dimensão corpórea nos saberes e práticas do aluno universitário, como a de Bomfim (2000) e Pereira (2005).

De acordo com o posicionamento das alunas, observamos a necessidade de vivências e discussões sobre a corporeidade e o sensível:

Vivenciei apenas algumas atividades que valorizaram o corporal e o sensível, essas atividades geralmente foram oferecidas em minicursos da semana de Pedagogia (*depoimento 7*).

Poucas disciplinas que temos no curso valorizam o trabalho corporal (*depoimento 8*).

Em algumas disciplinas havia algumas dinâmicas que trabalhavam o corporal. Mas não houve até agora, nenhuma disciplina voltada especificamente para essa questão (*depoimento 9*).

No curso de Pedagogia são poucas as disciplinas citadas pelos alunos que permitem uma maior reflexão sobre os conteúdos, numa perspectiva mais crítica e participativa, em que seja valorizado em sua totalidade.

A corporeidade vem se constituindo em um dos temas emergentes da educação. Para que ela seja discutida e experienciada na universidade, é necessário que se reconstruam novos conceitos e vivências do corpo, que não se dê privilégio apenas à racionalidade, mas se oportunize ao aluno uma educação de corpo inteiro, e isso sabemos que “é uma tarefa árdua, que em nossa interpretação, ainda não estreitou a teoria-prática” (Assmann, 1998, p. 23).

Nesse sentido, nossa intenção é estimular uma Pedagogia da corporeidade, que contemple as várias dimensões do ser humano, ou seja, a sua unidade.

#### ***d) Experiências da vivência corporal fora da universidade***

De acordo com as respostas, os estudantes vivenciam mais o corporal e o sensível fora da universidade. As atividades mais citadas foram: grupos de igreja, curso de capacitação, brincadeiras e jogos, atividades de bordar e pintar, curso de musicalização, yoga, intervenções feitas durante as práticas pedagógicas, curso de Libras.

Observamos que as experiências corporais vividas pelos respondentes fora da universidade têm sido mais expressivas do que nos cursos de formação de professores. Os movimentos sociais, grupos ligados a igrejas, cursos de “capacitação”, dentre outros, têm privilegiado mais o corpo, mas lhes falta, na maioria das vezes, a visão integradora, a intencionalidade pedagógica.

Vivenciei atividades corporais nos cursos de capacitação, como também em grupos de jovens e catequese (*depoimento 10*).

Acho que tenho vivido mais essas atividades fora da universidade. Em encontros carismáticos, em aulas de educação corporal oferecidas pelo projeto Veredas em Belo Horizonte (*depoimento 11*).

Freire (1989) afirma que os alunos ao chegarem à escola são impedidos de assumir sua corporeidade, seus conhecimentos, pensamentos, ritmos, movimentos, percepções, linguagem, passando a ser violentados pelas longas horas em que ficam imobilizados na sala de aula. Vemos isso como um problema muito sério da educação, pois as atividades propostas pela universidade, muitas vezes, não despertam a criatividade, a curiosidade, o interesse pela descoberta de si e do mundo que cerca o aluno. Na maioria das vezes os educandos são transformados em seres passivos que recebem os conteúdos e os conhecimentos prontos e acabados.

### ***e) Experiências da vivência corporal***

De acordo com os alunos do curso, passar por experiências corporais foi muito significativo e contribuiu bastante para sua formação pessoal e acadêmica. Por meio dessas experiências conheceram melhor o seu corpo e aprenderam a observar suas emoções e sentimentos.

Essas experiências foram muito importantes para mim, estimularam minha sensibilidade e ajudaram a perceber o meu corpo (*depoimento 12*).

Foi importante porque aprendi sobre a necessidade que o professor tem em ficar atento para desenvolver em seus alunos a sensibilidade, e a auto-esima (*depoimento 13*).

Adorei a experiência, aprendi a me conhecer melhor, a deixar de lado a timidez e ter maior liberdade de expressão (*depoimento 14*).

As experiências corporais favorecem várias instâncias do ser humano. De acordo com Tavares (2003),

*a Consciência Corporal e a Educação do Movimento, enquanto uma prática da Expressão Corporal, poderá estar contribuindo para a reeducação ou aprimoramento das habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento, no desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo (p. 21).*

As experiências da vivência corporal possibilitam aos alunos domínio do corpo, desenvolvimento das potencialidades de movimentação, descobrindo novos espaços, novas formas, superando suas limitações e condições para enfrentar novos desafios quanto aos aspectos sociais, motores, afetivos e cognitivos.

### ***f) Preocupações em relação ao próprio corpo***

Observamos que a maioria dos estudantes têm se preocupado especialmente com a parte estética do corpo, o bem-estar físico, esquecendo-se das outras instâncias, como as emoções, sensações e a espiritualidade. Falta-lhes uma percepção mais ampla do próprio corpo e das conexões entre pensamento, sentimentos e movimentos.

Sempre que posso, estou na academia, para perder aquelas gordurinhas, ficar com o corpo bonito é o mais importante (*depoimento 15*).

Gosto de fazer caminhada, pedalar, manter tudo em forma (*depoimento 16*).

Fico preocupada porque não estou tendo tempo de fazer exercícios físicos, e isso deixa a gente mais desanimada na hora de vestir uma roupa (*depoimento 17*).

Alimentando a indústria cultural, os meios de comunicação encaregam-se de criar desejos e reforçar imagens padronizando os corpos. Olhares voltam-se ao corpo na contemporaneidade, sendo moldados por atividades

físicas, cirurgias plásticas e tecnologias estéticas. As pessoas aprendem a avaliar seus corpos por meio da interação com o ambiente, assim sua auto-imagem é desenvolvida e reavaliada continuamente durante a vida inteira, e as necessidades de ordem social ofuscam as necessidades individuais (Baecker, 1997). Os jovens, muitas vezes, querem ter um corpo perfeito, malhado, considerado ideal pela sociedade, e quando isso não acontece ficam frustrados e desmotivados com a própria vida (Tavares, 2003).

Podemos associar hoje o corpo à idéia de consumo. Em muitos momentos esse corpo é objeto de valorização exagerada, dando oportunidade de crescimento ao “mercado do músculo” e ao consumo de bens e serviços destinados à manutenção desse corpo. E como declara Fernandes, “o corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento... alta frustração!” (2003, p. 13).

Como é possível perceber, a busca de um corpo perfeito tem sido uma das maiores preocupações das pessoas, que esquecem que existem outras instâncias a serem observadas e que um corpo bonito e padronizado pela mídia nem sempre é sinônimo de bem-estar.

### ***g) Observações feitas***

De acordo com as observações feitas por alguns alunos, a corporeidade e a sensibilidade não têm sido aspectos privilegiados no curso de Pedagogia, o que pode ser conseqüência da falta de profissionais preparados e interessados por essa temática.

Nas observações feitas ainda nos deparamos com a solicitação de minicursos como o de Bioexpressão, trabalho desenvolvido por uma professora-pesquisadora do curso de Pedagogia.

O trabalho com o corpo é muito importante para estimular a auto-estima, respeitar as diferenças, analisar as transformações, além de trabalhar a coordenação motora. Só que eu sinto falta disso, acho que a universidade não dá abertura para esse tipo de trabalho na formação do pedagogo (*depoimento 18*).

O meio, a convivência, estendeu-se pela vida e são muito significativos na idade escolar. O ser humano é um ser aprendente e as instituições educacionais também devem tornar-se aprendentes enquanto complexos organizativos. A auto-organização não concebe as partes constitutivas do ser humano fora de um todo, assim também a educação precisa buscar a superação da dualidade da realidade: “eu e o mundo, eu e os outros, eu o meu corpo” (Fontanella, 1995, p. 129).

Apesar de ser uma tarefa difícil, que exige novas vivências e conceituações do corpo, profissionais capacitados e interessados em discutir novas propostas de ensino, grupos de pesquisas dentro da universidade que abordem a temática, ainda assim vale a pena apostar que a inclusão dos estudos e experiências de corporeidade e de sensibilidade podem dar um novo rumo à educação e às práticas de ensino de terceiro grau.

## Considerações finais

Como constatamos pelas observações, leituras e estudos feitos, a corporeidade e a sensibilidade ainda são temáticas pouco expressivas na educação universitária. Um dos motivos apontados em nossa pesquisa é a falta de abertura e interesse em discutir a relação corporeidade-educação na academia.

Os professores universitários, geralmente, não receberam em sua formação uma educação que privilegiasse o ser humano em sua totalidade, por isso, muitas vezes, sentem dificuldades em inserir, na sua prática educativa, posturas que contribuam para uma percepção corporal dos seus alunos. A percepção corporal em sala de aula pode ser uma relação aprendente, e isso vai depender de como o professor tem percebido o seu corpo, como tem sido essa vivência e quais as relações estabelecidas consigo e com o outro.

Para que os futuros educadores tenham em sua formação uma educação que contemple não apenas os saberes racionais, é necessário assumir novas posturas e práticas na educação de terceiro grau, e talvez a primeira medida a ser tomada seja a ressignificação do corpo, isto é, a integração da razão, emoção, sensação e sentimentos.

Considerar a corporeidade no espaço educacional é priorizar uma aprendizagem que não se limite a aulas expositivas por parte do professor e não restrinja o aluno a mero receptor, reconhecendo que o conhecimento do mundo não se faz somente pela via cognitiva, mas também pelas sensações, sentimentos, vivências. O objeto do conhecimento se faz presente quando encarnado existencialmente, criando-se interseções entre sujeito e objeto.

Acreditamos que a corporeidade pode possibilitar a formação de um corpo autêntico, vivido, expressivo, resgatando a espontaneidade e liberdade dos movimentos em sala de aula, criando laços de afetividade e amizade entre educandos e educadores, originando modos de lidar melhor com os conflitos inerentes à prática pedagógica.

A corporeidade pode instigar uma educação que comprove nossa existência e importância no mundo, que nos ajude a compreender que é preciso existirmos para que o mundo possa existir também, possibilitando o autocohecimento e a compreensão de si mesmo. Verderi (2002) expressa bem esta idéia ao afirmar:

*precisamos de uma educação que proporcione condições para a interpenetração dos nexos corporais, das linguagens e dos comportamentos na vida concreta das pessoas. Uma educação voltada para uma dinâmica prazerosa, possibilitando o vivenciar de uma ecologia cognitiva, carregada de significados, onde a plasticidade do corpo possa se manifestar e romper de vez com o dualismo corpo/mente (p. 25).*

Esse novo olhar sobre o corpo vai contribuir não apenas para a formação e a atuação dos educadores nas instituições de ensino, mas também nas suas relações pessoais na família, com os amigos e na sociedade em geral.

Em síntese, a corporeidade e a sensibilidade podem contribuir para a construção de uma prática pedagógica voltada para a complexidade e diversidade humanas, colaborando, também, para a construção de um cidadão autônomo, produtor e transformador do conhecimento.

## Notas

<sup>1</sup> Conceito que exprime a totalidade do ser humano enquanto um ser vivo, parte da criação (Boff, 1999, p. 194).

<sup>2</sup> Termo da Antropologia dualista que interpreta o ser humano como a união de duas partes distintas, o corpo e a alma (Boff, 1999, p. 194).

## Referências

ARAÚJO, Marlene de. *Faces do corpo na condição docente* (um estudo exploratório). Belo Horizonte, Minas Gerais: Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2004. 243 p. (Dissertação de Mestrado).

ASSMANN, Hugo. *Paradigmas educacionais e corporeidade*. 3. ed. Piracicaba: Unimep, 1995.

\_\_\_\_\_. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BACRI, Ana Paula. R. Uma incursão às contribuições da corporeidade para a educação. In: Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste, VI, 2003. Campo Grande. *Anais...* Universidade Católica Dom Bosco e Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2003.

BAECKER, I. M. A relação entre interesse, ação, produção e conhecimento, concepções do corpo e concepções do movimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10., 1997, Goiânia. *Anais...* Goiânia: CBCE; UFGO, 1997.

BENETTI, Geórgia Maria Ferro et al. A potencialidade da corporeidade na escola: possibilidades de transformação das práticas educativas à potencialidade. *Revista Vidya*, Santa Maria, s. n, v. 21, n. 38, p. 125-132, jul./dez. 2002.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BONFIM, Zulmira Áurea Cruz. Corporeidade e vivência: existe espaço na educação universitária? *Revista de Educação AEC*, Brasília: s. n, v. 29, n. 116, p. 71-81, jul./set. 2000.

FERNANDES, M. H. *Corpo*. Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. A corporeidade na escola. Educação – *Revista do Centro de Educação*, Santa Maria: s. n, v. 16, n. 2, p. 19-31, 1991.

FONTANELLA, Francisco Cock. *O corpo no limiar da subjetividade*. Piracicaba. 3. ed. São Paulo: Unimed, 1995.

FREIRE, João Batista. *Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. *Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia*. O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GARCIA, Regina Leite. *O corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

GOFFMANN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GONÇALVES, Maria Augusta S. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. 6. ed. São Paulo: Papirus, 1994.

LEPARGNEUR, P. *Consciência, corpo e mente*. Campinas: Papirus, 1999.

LINHARES, Célia. *A Escola e seus profissionais – tradição e contradição*. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre, n. 25 (2), jul. dez., p. 59-76, 2000.

LOWEN, Alexander. *Bionergetica*. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Sammus, 1982.

\_\_\_\_\_. *Prazer. Uma abordagem criativa da vida*. Tradução de Ibanez de Carvalho Filho. 6. ed. São Paulo: Sammus, 1984.

MOYZÉS, Márcia. H. V. S. Sensibilização e conscientização corporal do professor. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. *Anais...* Centro Reichiano, 2004.

PEREIRA, Lucia Helena P. *Decodificação crítica e expressão criativa: seriedade e alegria no cotidiano da sala de aula*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1992. (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. *Bioexpressão: a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores*. Salvador, Bahia: Programa de Pós-Graduação em Educação; Universidade Federal da Bahia; UFBA, 2005. 403 p. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. Corporeidade e educação: bioexpressão em sala de aula. In: *Vertentes*, São João del-Rei, *Funrei*, n. 16, p. 42-52, jul./dez. 2000.

- SANTIN, Silvano. *Educação Física: temas pedagógicos*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1987. 127 p.
- SILVA, A. M. *Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional*. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 12 de outubro 2003.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. Saberes profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, n. 13, jan./fev.-mar./abr. de 2000, p. 5-24.
- TAVARES, M. C. G. C. F. *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento*. Barueri, SP: Manole, 2003.
- TAVEIRA, A. S. N. *A sala de aula: que espaço é esse?* Campinas: Papirus, 1986.
- VERDERI, Érica. *Encantando a educação física*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.